



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS

PLANTAS MEDICINAIS USADAS NA PREPARAÇÃO DO “CHOQUE” NO
ASSENTAMENTO AGROEXTRATIVISTA SÃO JOÃO BATISTA - RIO
CAMPOMPEMA, ABAETETUBA, PARÁ

ROBERTO JÚNIOR RIBEIRO DA SILVA

ABAETETUBA
2019

ROBERTO JÚNIOR RIBEIRO DA SILVA

PLANTAS MEDICINAIS USADAS NA PREPARAÇÃO DO “CHOQUE” NO
ASSENTAMENTO AGROEXTRATIVISTA SÃO JOÃO BATISTA - RIO
CAMPOMPEMA, ABAETETUBA, PARÁ

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado na Universidade Federal do
Pará (UFPA) como requisito básico para a
conclusão do Curso de Licenciatura Plena
em Educação do Campo/ Ciências Naturais.
Orientadora: Prof. Me. Maria das Graças da
Silva Pereira

ABAETETUBA

2019

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a **Deus**, pelo dom da vida e por ter me dado força, fé e esperança para não desistir dessa empreitada que abracei ao ingressar na universidade e a **Santo Expedito**, pois nos momentos de atribulações e dificuldades, através da minha fé buscava refúgio, alívio e força com pedidos. Sem dúvida essa e em todas as minhas vitórias devo a ti senhor, então nesse momento não poderia deixar de exaltá-lo.

Em especial, meus agradecimentos, aquela que é minha esposa, companheira, amiga, confidente, sem dúvida essa conquista devo muito a você **Danielle Ribeiro da Silva**, obrigado por tudo, sem você nada disso seria possível, você sempre esteve do meu lado em todos os momentos sejam eles bons ou ruins, então nada mais justo nessa conquista citar seu nome.

Quero também agradecer meu pinguinho de gente, **Daniella Roberta Ribeiro da Silva**, um presente que Deus me deu. Pois era no seu abraço que buscava forças para continuar sempre que as dificuldades surgiam. Você é muito responsável por essa conquista sim minha filha, pois todo o meu esforço é em dedicação a você.

Agradecer a minha família, essa que é meu alicerce, em especial meu pai **Roberto Feles**, uma pessoa batalhadora guerreira que sempre me proporcionou tudo de melhor que estava ao seu alcance. Agradeço também a minha mãe **Raimunda Ribeiro da Silva**, minha verdadeira heroína, uma vencedora. Vale lembrar aqui que em um momento complicado de sua saúde veio minha aprovação no curso de Educação de Campo, como se fosse algo de Deus. Mãe e pai, devo tudo a vocês, essa conquista é meu presente a vocês, meus pais, muito obrigado por tudo o que vocês fizeram e fazem por mim.

Agradecer os meus irmãos, **Reinaldo Ribeiro da Silva** e **Tatiane Ribeiro da Silva** por sempre estarem ao meu lado e me apoiarem quando precisei.

Agradeço minha sogra **Inez Ribeiro** e meu sogro **Daniel Ribeiro** além do meu cunhado **Danielson Ribeiro** que sempre ajudaram quando precisei além de ficar ajudando a cuidar da minha filha quando precisava me ausentar.

Não posso deixar de agradecer minha equipe de trabalho na universidade ao **Sávio Santos**, **Odilene do Socorro Rodrigues**, **Maria Cristina Santos** e principalmente ao **klebson Clayton Pereira** este que me deu carona durante todo o curso, e além de está sempre ao meu lado.

Faço meus sinceros agradecimentos a **FADECAM**, nossa faculdade, a **UFPA** e aos **professores** que não mediram esforços para nos preparar para essa nova caminhada. Em especial a minha professora orientadora **Maria das Graças da Silva Pereira**, que sempre muito paciente, cobrando quando necessário, para elaboração deste trabalho, sem dúvida devo muito a você também essa conclusão de curso.

Por fim, agradecer a todos meus familiares e amigos que contribuíram direta ou indiretamente em minha caminhada acadêmica.

EPÍGRAFE

“O principal objetivo da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que outras gerações fizeram.”

Jean Piaget

RESUMO

Na Amazônia brasileira vivem diferentes povos tradicionais que utilizam as espécies vegetais nativas como as de uso medicinal. Neste sentido esse trabalho busca Compreender e analisar o conhecimento tradicional das mulheres ribeirinhas do Projeto de Assentamento Agroextrativista São João Batista, Rio Campompema, Abaetetuba – Pará acerca do uso de plantas medicinais na manipulação dessas espécies para a preparação do “choque” como remédio caseiro. A área de pesquisa foi a Ilha Campompema, um complexo de 4 ilhas, localizada a sudoeste da zona urbana de Abaetetuba. Foram usadas a técnica bola de neve para seleção das entrevistadas, além de entrevistas semiestruturada para coletas de dados, já as coletas das espécimes vegetais foram realizadas durante turnê guiada e estas depositadas no Herbário do Instituto Federal do Pará HIFPA Campus Abaetetuba. A identificação final deu-se sempre que possível comparando as espécies coletadas com as depositadas no Herbário, além de consulta a sites como, Flora do Brasil 2020 (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br>) e Trópicos do Missouri Botanical Garden (<http://www.tropicos.org/>). As entrevistas foram realizadas entre mulheres com idade entre 33 e 73 anos. Foram mencionadas o uso de 21 etnoespécies, destas, 4 espécies não foram identificadas, 17 espécies estão distribuída em 11 famílias, destaca-se principalmente Lamiaceae com 4 espécies, a Asteraceae com 3 espécies e a Rutaceae com 2 espécies. Os ambientes utilizados pelas colaboradoras são os quintais, já as partes dos vegetais usadas destacam-se as folhas, que aparecem em 62% dos casos. Os problemas de saúde em que o “choque” foi utilizado como tratamento foram, dor de cabeça com 57% dos casos, gripe com 14%, tonteira com 9%, outros problemas como enxaqueca, dores musculares e até mesmo esipra (erisipéula) ambos com 5%. Observou-se ainda que esse conhecimento a cerca do uso das plantas medicinais não está se perpetuando nas futuras gerações

PALAVRAS – CHAVE: Mulheres; Conhecimento Tradicional; Ilha Campompema; Espécies vegetais.

ABSTRACT

In the Brazilian Amazon live different traditional peoples that use the native vegetal species like those of medicinal use. In this sense, this work seeks to understand and analyze the traditional knowledge of the riverside women of the São João Batista Agroextractivist Settlement Project, Rio Campompema, Abaetetuba - Pará about the use of medicinal plants in the manipulation of these species for the preparation of the "shock" as a home remedy. The research area was Campompema Island, a complex of 4 islands, located southwest of the urban area of Abaetetuba. The snowball technique was used to select the interviewees, as well as semi-structured interviews for data collection, and the collections of the plant specimens were carried out during a guided tour, and these were deposited in the Herbarium of the Federal Institute of Pará HIFPA Campus Abaetetuba. The final identification was given whenever possible comparing the species collected with those deposited in the Herbarium, in addition to consulting sites such as Flora of Brazil 2020 (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br>) and Tropics of the Missouri Botanical Garden (<http://www.tropicos.org/>). The interviews were carried out among women aged between 33 and 73 years. Twenty-seven species were mentioned, of which four species were not identified; 17 species are distributed in 11 families; Lamiaceae with 4 species, Asteraceae with 3 species and Rutaceae with 2 species. The environments used by the collaborators are the yards, and the parts of the plants used stand out the leaves, which appear in 62% of the cases. The health problems in which the "shock" was used as treatment were: headache with 57% of cases, influenza with 14%, dizziness with 9%, other problems such as swelling, muscle aches and even esipra (erysipula) both with 5 %. It was also observed that this knowledge about the use of medicinal plants is not perpetuating in future generations

KEYWORDS: Women; Traditional Knowledge; Campompema Island; Plant species.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Localização da Ilha Campompema PAE São João Batistas e suas divisões.....	16
Figura 2	Habitação e fontes de renda do PAE São João Batista.....	17
Figura 3	Métodos de coleta e herborização.....	19
Figura 4	Espécies representativas.....	23
Figura 5	Hábito das plantas medicinais mencionadas pelas colaboradoras da PAE São João Batista	26
Figura 6	Cultivo de plantas suspensa no PAE São João Batista.....	27
Figura 7	Partes do vegetal utilizado no preparo do choque no PAE São João Batista.....	28
Figura 8	Partes do vegetal coletado no PAE São João Batista.....	28
Figura 9	Diferentes preparações de choque no PAE São João Batista	30
Figura 10	Indicações terapêuticas do choque no PAE São João Batista	31
Figura 11	Outras utilizações terapêuticas dos vegetais no PAE São João Batista.....	36

LISTA DE TABELA

Tabela 1	Faixa etária das colaboradoras do PAE São João Batista, Rio Campompema, Pará.....	20
Tabela 2	Nível de escolaridade das colaboradoras do PAE São João Batista, Rio Campompema, Abaetetuba, Pará.....	22
Tabela 3	Dados Etnobotânico das plantas medicinais usadas na preparação do “Choque” pelas colaboradoras do PAE São João Batista, Rio Campompema, Abaetetuba, Pará.....	32

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	JUSTIFICATIVA.....	14
3	OBJETIVOS.....	15
3.1	GERAL.....	15
3.2	ESPECÍFICOS.....	15
4	METODOLOGIA	16
4.1	LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	16
4.2	AMOSTRAGEM E COLETA DE DADOS ETNOBOTÂNICOS.....	18
4.3	COLETA E HERBORIZAÇÃO DAS ESPÉCIMES VEGETAIS.....	19
4.4	IDENTIFICAÇÃO DAS ESPÉCIES.....	20
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	20
5.1	DADOS ETNOBOTÂNICOS.....	23
5.2	HÁBITO.....	26
5.3	AMBIENTES DAS ESPÉCIES.....	26
5.4	PARTES DAS PLANTAS UTILIZADAS.....	27
5.5	PREPARO E ASSOCIAÇÕES.....	29
5.6	INDICAÇÕES TERAPÉUTICAS.....	30
5.7	OUTRAS UTILIZAÇÕES.....	36
5.8	USO E ARMAZENAMENTO.....	36
6	CONCLUSÃO.....	38
7	REFERÊNCIAS.....	39
	ANEXOS.....	43
	ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO.....	44
	ANEXO 2 - CADASTRO A1CDC6A.....	46

ANEXO 3 - QUESTIONÁRIO DAS INFORMAÇÕES PESSOAIS DAS COLABORADORAS.....	47
ANEXO 4 - QUESTIONÁRIO DAS INFORMAÇÕES DAS PLANTAS USADAS NO “CHOQUE”	48

1. INTRODUÇÃO

As populações humanas que ocupam florestas tropicais convivem com a grande diversidade destes ambientes e desenvolvem formas de explorá-los para sua sobrevivência. De seu repertório cultural, destaca-se o conhecimento sobre o uso de plantas para fins medicinais (PINTO *et al.*, 2006). O uso de plantas medicinais constitui uma prática que vem sendo desenvolvida desde as civilizações mais antigas, passando através das gerações até os dias atuais (GARLET; IRGANG, 2001).

No Brasil, o surgimento de uma medicina popular com uso das plantas deve-se aos índios, com contribuições dos africanos escravizados e dos colonizadores europeus. Na época em que era colônia de Portugal, os médicos restringiam-se às metrópoles; e nas zonas rurais e/ou suburbanas, a população recorria ao uso das ervas medicinais (REZENDE; COCCO, 2002).

Na Amazônia brasileira vivem diferentes povos, que compreendem um conjunto tradicional de valores, crenças, atitudes e modos de vida que delinearão a sua organização social em um sistema de conhecimentos, práticas e usos dos recursos naturais. Estes trazem no seu histórico de vida grande diversidade cultural, representando o etnoconhecimento sobre o manejo das espécies vegetais nativas como as de uso medicinal, além de possuírem conhecimentos específicos sobre estas (FRAXE *et al.*, 2007; ALMEIDA *et al.*, 1998).

Entre os diversos grupos sociais que habitam a Amazônia brasileira, destacam-se os povos ribeirinhos, estes que possuem suas peculiaridades e diferentes formas de organização para garantirem seus direitos em defesa do meio em que vivem. Entre esses arranjos, destacam-se sindicatos, colônia dos pescadores e as associações de moradores, estas últimas atuam principalmente em áreas dos PAE's, Projetos de Assentamentos Agroextrativistas, e que se caracteriza, segundo (SALGADO, 2014), principalmente por mobilizar e garantir à população a sustentabilidade, a preservação, habitação, reforma agrária entre outros benefícios. O PAE é descrito como uma modalidade de assentamento que parte de uma estrutura que tende a fortalecer as relações socioeconômicas nesse local.

O número de áreas assentadas tem crescido. Atualmente, existem 9.156 projetos de assentamento em todo o país e a falta de políticas públicas para o atendimento adequado destas pessoas faz com que muitos grupos vivam à margem da sociedade (INCRA, 2018). Quanto à saúde, muitos vivem em condições precárias, devido a frequente ausência de saneamento básico, coleta de lixo irregular, dificuldade de acesso aos centros especializados, os quais, em muitos casos, localizam-se distantes dos assentamentos, o que ocasiona inacessibilidade aos medicamentos prescritos (SOARES, 2006). Estes fatores, por sua vez, acabam colaborando para o uso de plantas medicinais como primeira e principal opção nos cuidados básicos de saúde nesses assentamentos.

Nesse sentido, (VENDRUSCOLO *et al.*, 2005) aponta que a Etnobotânica é uma forma de compreensão de como a planta é usada pela comunidade; que conceitos essa comunidade tem a respeito da vida da planta; como as plantas são vistas pelas pessoas e como a cultura local se relaciona com a planta e com o mundo ao seu redor. Assim, a etnobotânica é definida como o estudo das inter-relações, ecológicas, evolucionárias e simbólicas das sociedades humanas, passadas e presentes, com as plantas (ALEXIADES, 1996; ALBUQUERQUE, 2005).

Os levantamentos etnobotânicos são importantes ferramentas para a documentação de saberes, em sua maioria difundido apenas oralmente, e ainda registra preparações particulares e restritas a alguns grupos sociais, como por exemplo o “choque”, que será o enfoque principal deste trabalho. O “choque” é uma preparação documentada e definida por (PEREIRA; COELHO, 2017) como macerações alcoólicas, usadas externamente, cujo ingrediente primordial é associado a plantas aromáticas, como arruda e uriza, usadas, sobretudo para dores de cabeça e reumáticas. O remédio é aplicado em fricção ou massagem local.

Diante disso, este trabalho visa responder as seguintes questões: Quais as espécies de plantas utilizadas no preparo do choque pelas mulheres ribeirinhas do Projeto Assentamento Agroextrativista São João Batista? Como esses conhecimentos foram repassados? Quais os principais usos terapêuticos do choque? Quais os usos e a origem dessas plantas?

2. JUSTIFICATIVA

No Brasil, considerando a ampla diversidade de espécies vegetais, bem como a riqueza étnico-cultural, as plantas medicinais ocupam posição de destaque em relação à importância do uso popular medicinal. A realização de estudos etnobotânicos possibilita o resgate e a preservação dos conhecimentos populares das comunidades envolvidas.

Segundo Brasil (2006), foi criada a Política Nacional de Plantas Mediciniais, que tem como premissas o respeito aos princípios de segurança e eficácia na saúde pública e a conciliação de desenvolvimento socioeconômico e conservação ambiental, tanto no âmbito local como em escala nacional, além do respeito às diversidades e particularidades regionais e ambientais.

Há grande diversidade de formas de uso das plantas medicinais, desde o uso caseiro e comunitário, passando pela área de manipulação farmacêutica de medicamentos até o uso e fabricação de medicamentos industrializados. É imprescindível o respeito à diversidade cultural brasileira, reconhecendo práticas e saberes da medicina tradicional, contemplar interesses e formas de usos diversos, desde aqueles das comunidades locais até o das indústrias nacionais, passando por uma infinidade de outros arranjos de cadeias produtivas do setor de plantas medicinais e fitoterápicos (BRASIL, 2006).

Além disso, a abordagem ao estudo de plantas medicinais, a partir de seu emprego popular, pode fornecer informações úteis à pesquisa farmacológica e fitoquímica, considerando o uso empírico que deverá ser testado cientificamente (GARLET; IRGANG, 2001).

Deve-se ressaltar ainda que para a planta medicinal ter a recomendação do seu uso como verdadeiramente medicinal ou, em outras palavras, como planta medicinal válida e incluída na farmacopeia, requer numa condição ideal ter identificado seu princípio ativo ou tê-lo evidenciado farmacologicamente (LORENZI; MATOS, 2008). É recomendável que os resultados alcançados, sempre que realizados trabalhos com plantas medicinais, sejam tornados públicos tanto para possibilitar o uso orientado da planta diretamente pelas comunidades, como para orientar o trabalho de criação pela comunidade de suas hortas medicinais e oficinas farmacêuticas. (LORENZI; MATOS, 2008).

3. OBJETIVOS

3.1. GERAL

Compreender e analisar o conhecimento tradicional das mulheres ribeirinhas do Projeto de Assentamento Agroextrativista São João Batista, Rio Campompema, Abaetetuba – Pará acerca do uso de plantas medicinais e na manipulação dessas espécies para a preparação do “choque” como remédio caseiro.

3.2. ESPECÍFICOS

- Registrar o conhecimento das mulheres do PAE São João Batista a respeito das plantas utilizadas na preparação do “choque”.
- Realizar o levantamento e identificação etnobotânica das espécies utilizadas na preparação do “choque”.
- Documentar as diferentes formas de preparo, uso e indicação do “choque”.

4. METODOLOGIA

4.1. LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O município de Abaetetuba pertence à Mesorregião do Nordeste Paraense e à Microrregião de Cametá, estando sua sede municipal localizada entre as coordenadas geográficas 01°43'24"S-48°52'54"W (SEPOF, 2018). Com 1.611 Km² de extensão, Abaetetuba é um dos menores municípios do Pará (Figura 1), possuindo aproximadamente 140.000 habitantes (IBGE, 2018). De acordo com SEPOF (2018), Abaetetuba contém cerca de 72 ilhas, destacando-se as ilhas do Capim, Sirituba e Campompema, sendo esta última a área de estudo aqui proposta.

A Ilha Campompema é um complexo de 4 ilhas (CAVALCANTE; PEREIRA, 2014) que é constituído toda em área de várzea. Fica localizado a sudoeste da zona urbana de Abaetetuba e possui uma população de aproximadamente 986 habitantes.

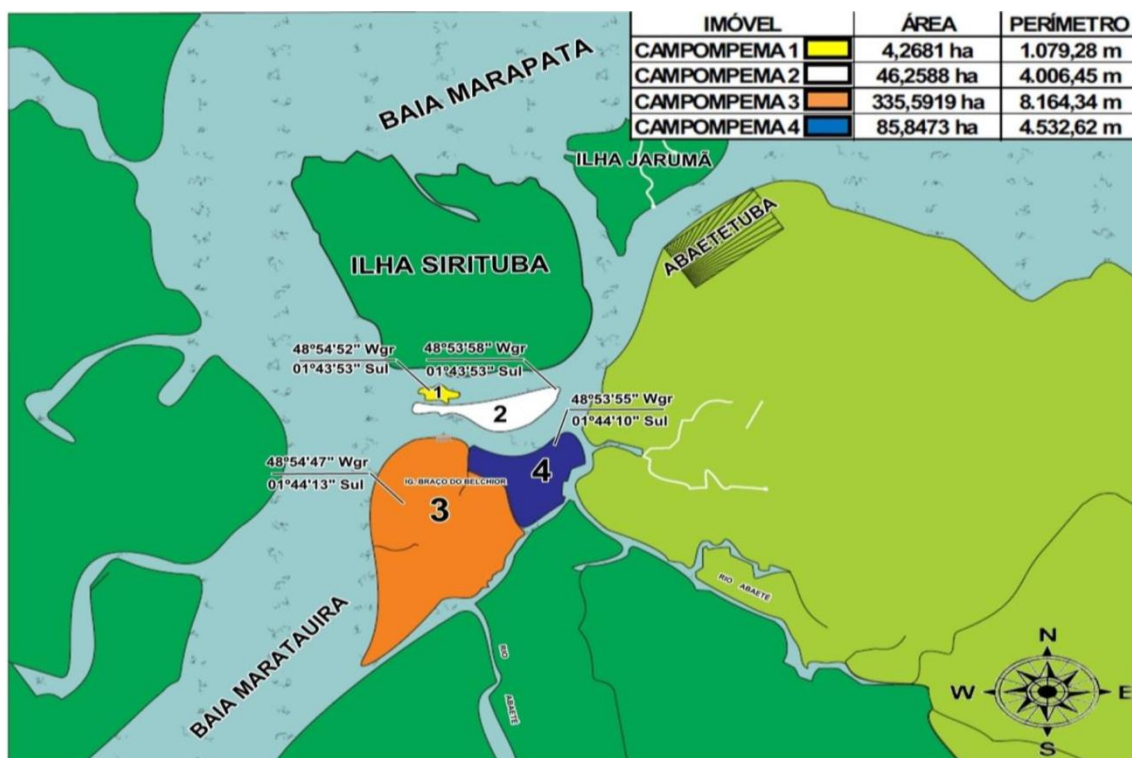


Figura 1. Localização da Ilha Campompema PAE São João Batistas e suas divisões. (Fonte: Cavalcante; Pereira, 2014)

Esta população vive toda à margem do rio que corta a ilha. Dessa forma, sofre diariamente influência das marés. Devido isso, apresentam

características próprias de grupos que vivem nessas áreas. São observados, nessa população, as casas construídas em madeira de forma suspensa à margem do rio, como afirma (MOURA 2013), ligadas por pontes de madeira e organizadas em vilas. Estas agrupam, em média, 15 residências (Figura 2) que geralmente são de membros de uma mesma família, as quais vivem basicamente do agroextrativismo, da pesca artesanal e do artesanato do matapí, crochê, paneiro, tipití etc. (Figura 2), segundo levantamento realizado pelo Movimento dos Ribeirinhos e Ribeirinhas das Várzeas de Abaetetuba (MORIVA), em 2005.



Figura 2: Habitação e fontes de renda do PAE São João Batista; **A** –Casa de madeira no PAE São João Batistas; **B**- matapí; **C** - crochê

Na atividade agroextrativista, podemos destacar o manejo, o extrativismo e a comercialização do açaí, sendo esta a mais importante atividade econômica da localidade. A comercialização se dá na sede do município, de maneira que o produto é transportado em barcos de pequeno porte (rabudo), o qual, além de utilizado para transporte do produto, é também usado pela população que se desloca quase que diariamente para a cidade.

Na educação, a comunidade conta com uma escola da rede estadual, a qual é um anexo da escola estadual Pedro Teixeira, funcionando de maneira improvisada em um barracão, que atende alunos do 6º ano do ensino fundamental ao 3º do ensino médio, recebendo alunos da localidade e de outras ilhas mais próximas. A escola da rede municipal de ensino está funcionando em um prédio próprio e recebe alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, atendendo também alunos da localidade e de ilhas próximas.

A população da comunidade, em sua grande maioria, é adepta da religião católica, tendo na localidade uma igreja (São João Batista), na qual a população se reúne aos domingos para realizar orações e, em junho, celebrar

o festejo do padroeiro da comunidade. Outra característica religiosa na comunidade é, que além da igreja, um grande número de barracões realiza festejos religiosos, inclusive no qual funciona, de maneira improvisada, a escola estadual, como foi citado anteriormente. Nessas ocasiões, as aulas são interrompidas por 15 dias durante o festejo.

Na representatividade social e lutas por direitos de determinados grupos da população, a comunidade conta com o MORIPA (Movimento dos Ribeirinhos e Ribeirinhas das PAEs de Abaetetuba), a colônia dos pescadores Z- 14 e o STTR (Sindicatos dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais).

4.2. AMOSTRAGEM E COLETA DE DADOS ETNOBOTÂNICOS

Foi utilizada a Técnica bola de neve (ALBUQUERQUE *et al.*, 2010) para selecionar as mulheres de diferentes idades da comunidade, reconhecidas localmente por possuírem vasto conhecimento sobre a preparação abordada na pesquisa. Para a definição desse público, considerou-se que, em geral, são as mulheres que detém conhecimentos fundamentais, os quais se utilizam, em primeira instância, no tratamento caseiro dos problemas de saúde (COELHO-FERREIRA, 2000).

A coleta de dados se deu por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas com 12 moradoras da ilha de Campompema, reconhecidas como especialistas tradicionais ou informantes-chave na comunidade pelo conhecimento que detém a respeito do uso de plantas medicinais e do preparo do “choque”.

Antes de cada entrevista, foi apresentado a colaboradora o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo 1), informando sobre o que tratava o trabalho e os objetivos deste, além do consentimento pós informação, no qual a colaboradora era convidada a assinar para autorizar o uso das informações. Após todos os esclarecimentos, o presente trabalho foi registrado no SisGen, em atendimento ao previsto na Lei nº 13.123/2015 e seus regulamentos, sob o número de cadastro A1CDC6A (Anexo 2).

Foram realizadas, ainda, entrevistas semiestruturadas (BERNARD, 2006). Este método, segundo Albuquerque *et al.* (2010), apresenta grande flexibilidade, pois permite aprofundar elementos que podem ir surgindo durante a entrevista. Em situações nas quais não se tem mais de uma chance para entrevistar alguém, a entrevista semiestruturada é a melhor opção. Dois

questionários foram aplicados: o primeiro buscou informações pessoais das colaboradoras (Anexo 3); o segundo, tratou de informações das plantas usadas no “choque” (Anexo 4).

Todas as informações foram registradas em cadernetas de campo e, sempre que permitido pelos entrevistados, foram feitas fotografias e gravações durante a entrevista.

4.3. COLETA E HERBORIZAÇÃO DOS ESPÉCIMES VEGETAIS

Todas as coletas dos espécimes vegetais ocorreram durante turnê guiada (Figura 3), Albuquerque *et al.* (2010) realizada na companhia de colaboradoras e pessoas indicado pelas entrevistadas como fornecedores das espécies medicinais. A coleta e herborização dos espécimes vegetais foram feitas seguindo as técnicas descritas por Ming (1996), sendo que as espécies foram depositadas no Herbário do Instituto Federal do Pará HIFPA Campus Abaetetuba.



Figura 3. Métodos de coleta e herborização. **A e B-** Moradores em Turnê guiada auxiliando na coleta; **C-** Coleta de plantas; **D e E-** Prensagem das plantas coletadas.

4.4. IDENTIFICAÇÃO DAS ESPÉCIES

Para identificação, foi realizado, inicialmente, um levantamento bibliográfico dos nomes científicos relacionados às espécies. A identificação final dar-se-á, sempre que possível, comparando as espécies coletadas com as depositadas no Herbário do Instituto Federal do Pará - HIFPA, Campus Abaetetuba. Além disso, foram consultados sites especializados para confirmação e atualização dos nomes científicos, tais como Flora do Brasil 2020 (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br>) e Trópicos do Missouri Botanical Garden (<http://www.tropicos.org/>). Adotou-se, ainda, o sistema de classificação de famílias botânicas APG IV (2016). Todos os dados foram organizados em planilhas e gráficos no Excel (2010) para melhor organização e análise.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As entrevistas realizadas na comunidade, para elaboração e realização deste trabalho, deram-se entre mulheres, as quais têm idade entre 33 e 73 anos (Tabela 1). Todas nasceram e residem no PAE São João Batista, com exceção de uma entrevistada, a qual é oriunda da comunidade Camutim, ramal localizado na região de estrada do município de Abaetetuba, porém a mesma já mora na localidade acerca de 15 anos. Medeiros et. al. (2014) expõe que o tempo de moradia é uma variável que tem grande influência sobre o uso e conhecimento dos recursos naturais, pois pessoas que residem a mais tempo em um determinado local possuem maior conhecimento a respeito dos recursos naturais quando comparadas àquelas que residem a menos tempo. Todas as colaboradoras são adeptas da religião católica.

Tabela 1. Faixa etária das colaboradoras do PAE São João Batista, Rio Campompema, Pará.

FAIXA ETÁRIA	Nº DE ENTREVISTADAS
30-40	4
41-50	0
51-60	5
61-70	1
71-80	2
TOTAL	12

Torres-Aviliez *et al.* (2014) sugere que a idade é um fator que influencia no conhecimento e nas informações repassadas durante as entrevistas, considerando o tempo que os colaboradores interagem com os recursos e a memória. Pessoas jovens têm um tempo mais curto de interação com o ambiente, entretanto apresentam uma melhor memória. Já os idosos, embora tenham mais tempo se relacionando com o ambiente, possuem uma memória geralmente mais fraca.

O conhecimento adquirido por essas mulheres se dá através da observação e oralidade. Como Di Stasi (1996), em sociedades tradicionais, a transmissão oral é o principal modo pelo qual o conhecimento é perpetuado, fato também observado por Pereira & Coelho-Ferreira (2017), na Comunidade de Tuaerá-Açú, nas ilhas de Abaetetuba, onde concluíram que o baixo nível de escolaridade contribui para a propagação de saberes oralmente.

E é repassado majoritariamente entre membros da própria família. Dez entrevistadas afirmam que todo o conhecimento que possuem sobre o uso de plantas medicinais para a preparação do 'choque' foi aprendido com suas respectivas mães, além de outros membros da família. Outra informante aprendeu a preparar o "choque" em cursos ofertados pela Pastoral da Criança. Soldati (2014), trata esses conhecimentos produzidos e aprendidos em relações sociais de aprendizagem como "Transmissão cultural". Uma colaboradora informou, ainda, que não aprendeu com ninguém e que todas as preparações são feitas através de sua experiência. Soldati (2014) trata esse tipo de conhecimento como "Produção individual", quando o indivíduo, por meio de suas experimentações individuais, produz um novo conhecimento.

Quanto ao nível de escolaridade das colaboradoras apenas uma entrevistada possui nível superior, (25%) diz ter concluído o nível médio, (50%) tem o fundamental incompleto e cerca de (16%) declararam não ter escolaridade (Tabela 2).

Tabela 2. Nível de escolaridade das colaboradoras do PAE São João Batista, Rio Campompema, Abaetetuba, Pará.

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	Nº DE ENTREVISTADAS	PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS
Sem formação escolar	2	16,67%
Ens. Fundamental incompleto	6	50%
Ens. Fundamental completo	0	0%
Ens. Médio incompleto	0	0%
Ens. Médio completo	3	25%
Ens. Superior incompleto	0	0%
Ens. Superior completo	1	8,33%
Total	12	100%

Foram citadas, pelas colaboradoras, 11 doenças e sintomas como frequentes nas famílias. A gripe, com 10 citações, foi a mais representativa. Em seguida, dor de cabeça e problemas gastrointestinais, representados por sintomas como diarreia e dor de estômago, foram citados por três entrevistadas cada. Verminoses e pressão alta foram mencionadas duas vezes cada, e sintomas como inflamação na garganta, febre, asma, dor no corpo, problemas de visão, tonteira e dor na coluna tiveram apenas uma menção.

O PAE São João Batista não dispõe de posto de saúde, o que torna ainda mais frequente e necessária o uso das plantas medicinais por parte da população, corroborado pelo número de colaboradoras que citaram as plantas medicinais como primeira alternativa terapêutica (91%). Além da ausência do posto de saúde, fatores como a origem natural das plantas, a ausência de efeitos colaterais e o baixo custo financeiro são justificativas pela preferência dos remédios caseiros.

“Não sou dessas de tá tomando remédio de farmácia. Pra mim além de ser mais barato [usar plantas medicinais], não falta em casa, é um remédio natural, não contém química, se caso não der jeito, aí vai pro médico”

Colaboradora 1

“Primeiro eu uso o remédio caseiro pelo fato da gente acreditar, é aquilo né, já vem de família, mesmo por que os remédios da farmácia são muito caro”

Colaboradora 2

“A gente usa o remédio caseiro hoje per que é que cura mais que o do médico.”

Colaboradora 3

5.1. DADOS ETNOBOTÂNICOS

Foram mencionadas durante a pesquisa o uso de 21 etnoespécies no preparo do choque (Tabela 3), sendo que 3 espécies não foram identificadas. 18 espécies estão distribuídas em 12 famílias, destacando-se principalmente Lamiaceae com 4 espécies, a Asteraceae com 3 espécies e a Rutaceae com 2 espécies. Di Stasi (1996) afirma que essas famílias são constantemente utilizadas por outros grupos com finalidades terapêuticas.

Dentre as espécies informadas pelas colaboradoras, destacaram-se arruda (*Ruta graveolens* L) como uma das mais mencionadas com 12 citações, catinga (*Aeollanthus suaveolens* Mart. Ex Spreng.), com 10 citações e ainda Malvarosa (*Pelargonium graveolens* L'Hérex Aiton), com 8 citações. Estas são plantas bastante aromáticas, com cheiros característicos e agradáveis (Figura 4).

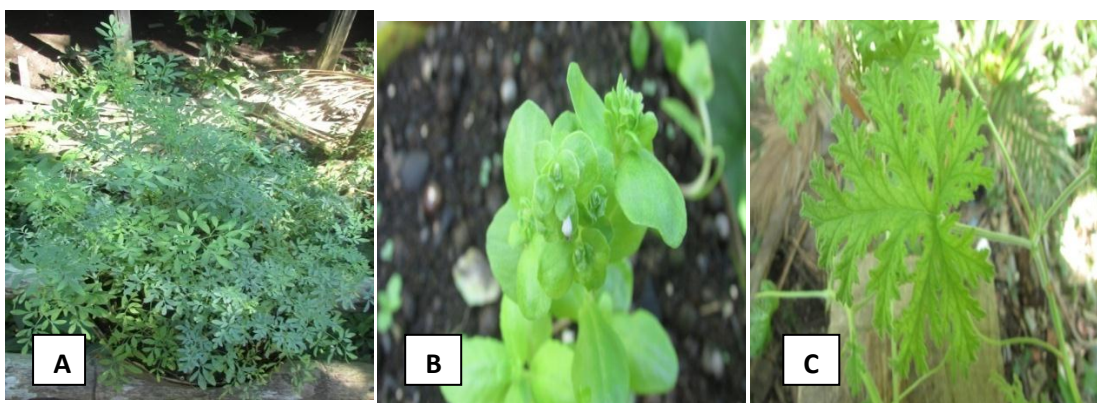


Figura 4. Espécies representativas; **A** – Arruda (*Ruta graveolens*); **B** – Catinga (*Aeollanthus suaveolens* Mart. Ex Spreng); **C** - Malvarosa (*Pelargonium graveolens* L'Hérex Aiton).

Arruda (*Ruta graveolens* L.)

Espécie exótica nativa da Europa meridional, porém de fácil adaptação. É cultivada no Brasil e em várias partes do mundo, muito utilizada pela medicina popular como remédio caseiro (LORENZI; MATOS, 2008).

Planta popularmente conhecida na região como arruda, pertence à família Lamiaceae. Subarbusto perene, rizomatozo, de caule ereto lenhoso na parte inferior e pouco ramificado. Folhas pequenas na cor verde-azulada de cheiro forte e agradável uma característica da família ao qual o espécime pertence (LORENZI; MATOS, 2008). Vale ressaltar que o vegetal dificilmente produz sua inflorescência na Amazônia devido às características climáticas da região.

Presente em todas as preparações descritas pelas colaboradoras, a arruda não pode ser ingerida, caso contrário pode trazer malefício ao organismo. Há possibilidade de ocorrer hiperemia dos órgãos respiratórios associada à hemorragia, vômitos, gastroenterites, sonolência e convulsões (MARTINS, *et al.*, 2005). Na localidade, o vegetal não é ingerido, sendo externo o seu uso. Através das turnês guiada e registros fotográficos, foi observado que se trata de uma planta muito presente e utilizada na localidade como remédio caseiro, rituais, banhos, fomentações etc. Porém, se trata de uma espécie perigosa, “planta fina” segundo relatos das entrevistadas, deve ser usada com cautela devido ao grau de toxicidade.

Segundo Martins *et al.* (2005), a arruda tem, entre outras potencialidades, a de um virtual anticoncepcional natural. O espécime age no organismo feminino inibindo a produção do óvulo, entretanto este uso não é registrado na localidade.

A espécie tem inúmeras utilizações popular e geralmente correspondendo de maneira positiva à finalidade terapêutica à qual é destinada. Isso se deve ao mais variados compostos presente no vegetal. Em relação a sua composição química, ela contém glicosídeos (rutina), lactonas aromáticas (cumarina, bergapteno, xantotoxina, rutaretina e rutamarina), glicosídeos antiociânicos, alcalóides (rutamina, rutilidina, cocusaginina, esquiamianina eribalinidina), metilcetonas (metilnonilcetona e

metilheptilcetona), flavonóides (hesperidina), rutilinó, rutacridona e terpenos (a-pineno, limoneno, cineol) (MARTINS, *et al.*, 2005).

Os óleos essenciais também encontrados na *R. graviolens* são substâncias que atuam como cicatrizante. Em trabalho realizado por (PISTORE, *et al.*, 2014), foi comprovado a eficácia de substância agindo na cicatrização dos tecidos.

Catinga (*Aeollanthus suaveolens* Mart. Ex Spreng)

Erva com aproximadamente 40cm de altura, caule circular, ramificado; folhas pecioladas, revestidas de tricomas secretores, com essência aromática; sua pré-floração é valvar. Flores do tipo metaclamídeas, bissexuadas, trímeras; o seu androceu apresenta estames didínamos, grãos de pólen esféricos, com carpelos dialicarpelar e unilocular; ovário do tipo ginobásico, súpero, sendo a inflorescência em racemo (OLIVEIRA, 2003).

Dentre as espécies da família Lamiaceae, a *Aeollanthus suaveolens* (catinga de mulata) apresenta destaque na região amazônica por ser usada na medicina popular e, também, para compor fragrâncias regionais e como planta ornamental, sendo a folha a parte mais utilizada, na forma de chá e sumo. Os óleos essenciais desta espécie apresentam atividade antimicrobiana, analgésica e anti-inflamatória (MARTINS, 2016).

Malvarosa (*Pelargonium graveolens* L'Hérex Aiton)

Pertence à família Geraniaceae, é um arbusto bastante ramificado. Seu caule é herbáceo coberto por pelos na fase jovem, tornando-se lenhoso ao longo de seu desenvolvimento (RABELO, 2014).

O.P.graviolens é uma das espécies utilizadas para fins terapêuticos e aromáticos, sendo arbustiva, bem ramificada e apresentando folhas largas. As folhas dessa espécie são recortadas e há a presença de pelos que lhes confere uma textura aveludada. Esses pelos possuem as glândulas responsáveis pelo armazenamento do óleo essencial, que lhes conferem um aroma único devido à presença de citronelol e geraniol (RABELO, 2014).

5.2. HÁBITO

As espécies utilizadas no preparo do “choque”, mencionadas pelas colaboradoras durante as entrevistas e observadas nas turnês guiada, evidenciou-se quatro hábitos (Figura 5), que são Erva, Árvore, Arbusto e Liana.

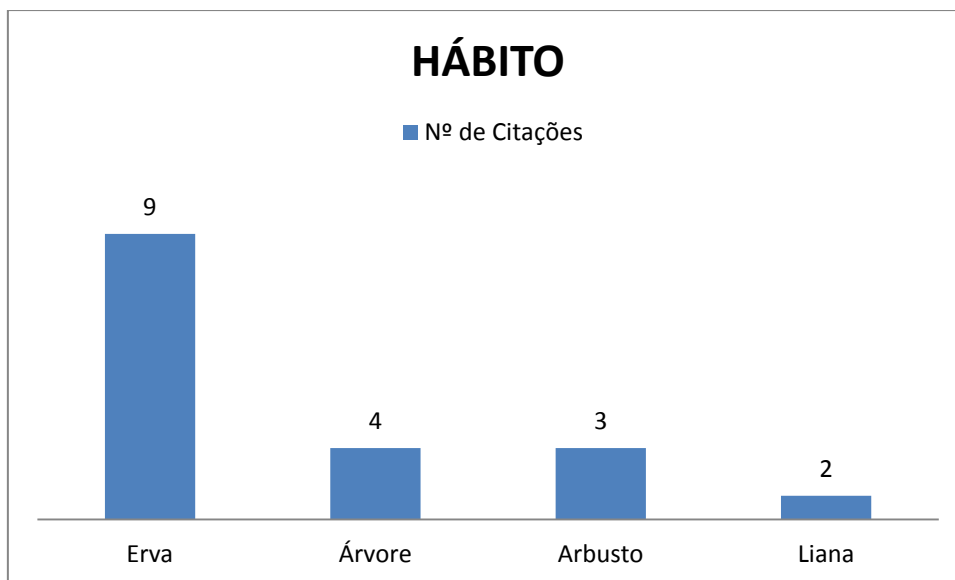


Figura 5. Hábito das plantas medicinais mencionadas pelas colaboradoras da PAE São João Batista

O grande número de ervas citadas deve-se à adaptação e às características naturais da localidade, uma vez que o cultivo desse grupo de plantas é realizado nos quintais próximo as residências em pequenos recipientes, uma característica observada no local de estudo, aponta (MOURA, 2013). As ervas são comumente cultivadas em paneiros, latas ou baldes, que ficam suspensos em uma estrutura denominada jirau. Isso ocorre como estratégia de adaptação de grupos que vivem em áreas de várzea, pois estão expostos a constantes enchentes, dificultando o cultivo nesses ambientes.

5.3. AMBIENTES DAS ESPÉCIES

Os ambientes utilizados pelas colaboradoras da localidade para a coleta das plantas medicinais usadas no “Choque” são os quintais. Isso se deve, principalmente, ao fato da comunidade estar localizada em uma área de várzea, o que torna inacessível o cultivo das espécies diretamente no solo, pois este sofre frequentemente influência das marés, o que ocasiona inundações desses espaços. Devido isso, o cultivo dessas plantas é feito de forma suspensa utilizando embarcações em desuso, paneiros, latas, baldes,

pequenos recipientes, varal de planta além de outras maneiras de se proteger essas espécies desse fenômeno natural (Figura 6).

Estas inundações periódicas fazem da várzea uma paisagem “anfíbia”. Os ambientes de várzea se caracterizam por uma sazonalidade marcante devido às enchentes periódicas dos seus rios. Assim como os demais componentes da biota das áreas inundáveis, as populações humanas locais precisam adotar estratégias de adaptação em relação às mudanças drásticas ocorridas na passagem entre as fases aquáticas e terrestres. (FRAXE, *et al.*, 2007).



Figura 6. Cultivo de plantas suspensa no PAE São João Batista: **A** – Embarcações utilizadas para plantação; **B e C** - varal de planta utilizando recipientes diversos; **D** - vasos suspenso.

5.4. PARTES DAS PLANTAS UTILIZADAS

No processo de preparação do “choque”, entre as diversas partes dos vegetais usados (Figura 7), destaca-se as folhas, que aparecem em 62% dos casos, seguida do uso de galhos com 24% de aparições, sementes com 5%, assim como albume e casca com 4%. As folhas e galhos estão presentes em

um total de 86% das preparações descritas pelas colaboradoras.

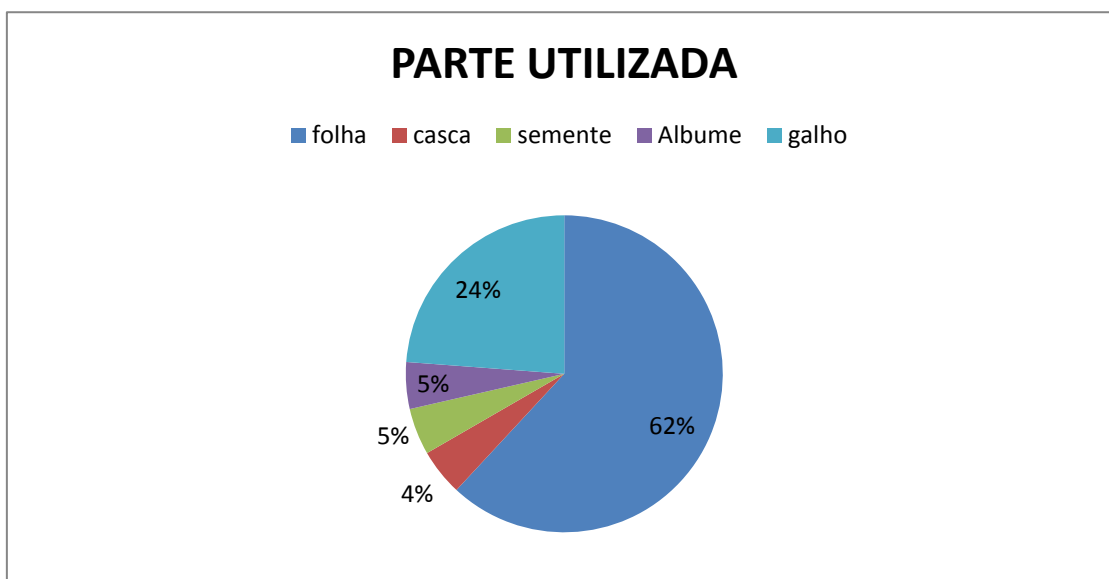


Figura 7. Partes do vegetal utilizado no preparo do choque no PAE São João Batista.

As folhas são bastante utilizadas, principalmente por não depender de clima e período para ser coletada e também por não haver prejuízo da planta, diferentemente das outras partes como, por exemplo, casca e galhos, que irão danificar diretamente a estrutura desse vegetal, podendo causar assim, se não explorado de maneira adequada, a morte dessa planta. (FERREIRA, *et al.*,2016) (Figura 8).



Figura 8. Partes do vegetal coletado no PAE São João Batista: **A** - semente; **B** - casca; **C** - folha; **D** - galho.

5.5. PREPARO E ASSOCIAÇÕES

Foram documentadas 14 preparações diferentes de “choque” (Figura 9), sendo uma delas simples, envolvendo apenas um vegetal, e as demais preparações são complexas, pois envolvem mais de uma espécie de plantas, além de associações com outros produtos de origem diversas. Em alguns casos, para o mesmo problema de saúde, foram citadas distintas formas de preparos utilizando diferentes espécies de plantas, por exemplo, as preparações para dor de cabeça, foram descritas 10 preparações com diferentes vegetais e as mais variadas formas de preparo.

Além de plantas medicinais, esse preparo “choque” tem em sua composição outros ingredientes não vegetais. Na maioria dos casos, é a cachaça ou álcool. Segundo relatos das colaboradoras, estes são a base da preparação, além de servir como conservante.

Outra função que cabe ao álcool e a cachaça é o fato deles liberarem o princípio ativo na interação com os vegetais. Santos e Alves (2012), esclarecem que as extrações aquosas e alcoólicas atingem um melhor rendimento de extratos em relação ao hexano, devido à interação polar do grupo carbonila, presente nas cetonas, componentes majoritários da *Ruta graveolens*. Esta afirmação é corroborada na fala de uma das colaboradoras ao esclarecer que “*quanto mais fica velho [o choque] melhor vai ficando*” (Colaboradora 1).

Apenas um caso foi descrito sem o uso do álcool ou da cachaça como base. Nessa preparação, o choque é feito à base de água. Este preparo, segundo a entrevistada, é usado em crianças, pois se trata de um “choque mais fraco”, e não utiliza outros ingredientes além das plantas e água.

Outros produtos não vegetais são adquiridos em casas exotéricas e ervanários, tais como: água de colônia, água chama, vinagre aromático e feitiço amazônico. Todos têm a função neutralizante, visto que essas preparações geralmente apresentam alta concentração dos mais variados vegetais entre outros ingredientes, dando a ela um cheiro forte e normalmente desagradável. Assim, os produtos acima listados, além de reduzir esse cheiro, tornam o choque mais agradável ao olfato.

São também adicionados em algumas preparações medicamentos sintéticos, como por exemplo, analgésicos. Segundo as colaboradoras, essa

associação irá potencializar o efeito da preparação, entretanto a interação de plantas com substâncias sintéticas presentes em fármacos apresenta certo grau de risco, pois o efeito gerado é desconhecido, com a possível formação de novos compostos. Muitas plantas minimizam, aumentam ou se opõem aos efeitos dos medicamentos alopáticos (SILVEIRA, *et al.*, 2008), o que pode causar danos à saúde.



Figura 09. Diferentes preparações de choque no PAE São João Batista; **A; B; C; D** choque para adulto e **E** choque para criança.

5.6. INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS

Os problemas de saúde relatados pelas colaboradoras em que o *choque* foi utilizado como tratamento foram, dor de cabeça com 57% dos casos, gripe com 14%, tonteira com 9%, outros problemas como enxaqueca, dores musculares e até mesmo esipra (erisipéula) ambos com 5% (Figura 10). É importante visualizar que as indicações terapêuticas do “choque” em sua maioria se tratam de sintomas e não propriamente de uma doença, por exemplo, a dor de cabeça, que é sintoma de diversos problemas de saúde como relacionados a visão, a pressão arterial, entre outros.

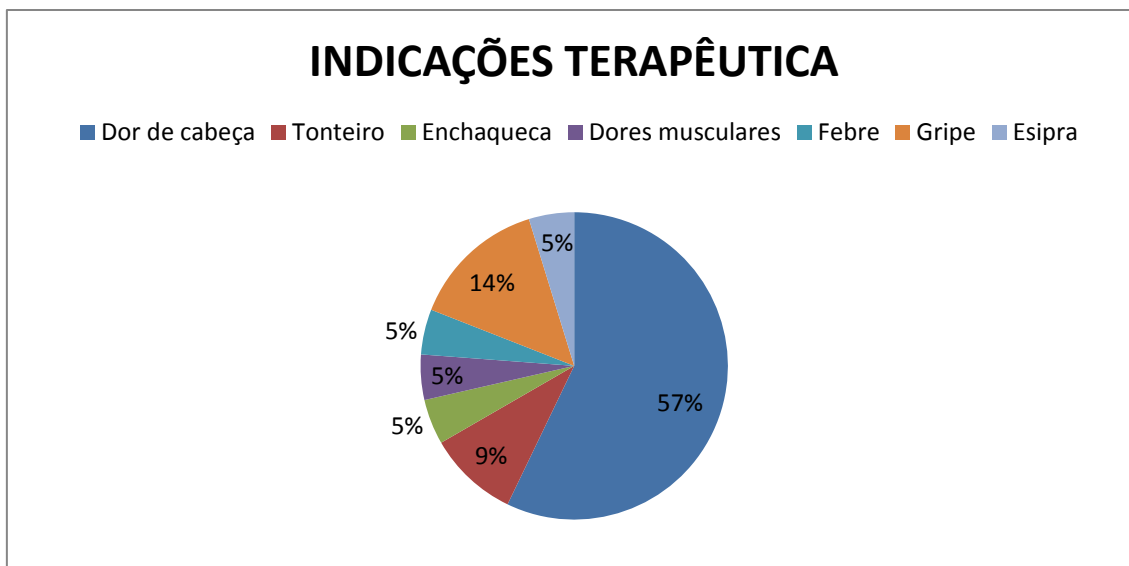


Figura 10. Indicações terapêuticas do choque no PAE São João Batista.

A planta que aparece em maior número de citações nas preparações para dor de cabeça é a arruda (*Ruta graveolens*), esse conhecimento empírico sobre a utilização do vegetal para fins terapêutico, nesse caso analgésico, é corroborado por Mendes *et al.* (2008) ao esclarecer que essa espécie possui várias substâncias bioativas como os alcalóides, ácidos orgânicos, alantoína, saponinas triterpênicas, mucilagem e tanino, substâncias essas que possuem efeitos analgésico, antiinflamatório e antimicrobiano.

Tabela 3. Dados Etnobotânico das plantas medicinais usadas na preparação do “Choque” pelas colaboradoras do PAE São João Batista, Rio Campompema, Abaetetuba, Pará.

Família	Nome Científico	Nome Popular	Indicação	Parte Usada	Modo de Preparo
Arecaceae	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco	Dor de cabeça(1) tonteira(1)	Folhas e galhos	(1) ver: Catinga
	<i>Tanacetum vulgare</i> L.	Pluma	Dor de cabeça	Folha	Migalha a folha de Arruda, Mavarosa, Pau de Angola, Pluma, Caatinga e coloca cachaça com arcanfora batida, ensopa a cabeça
Asteraceae	<i>Ayapana tripilinervis</i> (Vahl) R. M. King & H. Rob.	Japana Branca	Dor de cabeça(1,2), Tonteira (2) e Erisipéula (2)	Folha e galho	(1) Coloca na garrafa a cachaça misgalha a folha da Japana Branca, Arruda, Mavarosa, Chama, Catinga e Capim Marinho e mistura com arcanfora, encharca a cabeça (2) Soca as folhas e galhos de Arruda, caatinga, Mavarosa, Verga Morta, Japana, Uriza, coloca no vidro com cachaça ou vinagre aromático, coloca na cabeça e no caso da Erisipéula coloca no local inflamado
	<i>Cosmos sulphureus</i> Cav.	Cravo	Dor de Cabeça(1) e Gripe(1)	Folhas	Coloca dentro da cachaça folha da Arruda, Caatinga, Mavarosa e Cravo, fica alguns dias sem ser usado para a planta "decompor" na cachaça, banha a cabeça

Caryocaceae	<i>Caryocar</i> sp.	Cedro	Dor de cabeça(1)	Casca	Coloca 5 palmas de Arruda dentro de uma garrafa com álcool, coloca uma mão cheia de folha de Caatinga, 5 folhas de Favaca, deixa na infusão no sereno e sol por 3 dias, depois coloca água de colônia e a casca do Cedro, coloca na cabeça e cheira
Euphorbiaceae	<i>Jatropha curcas</i> L.	Pião branco	Dor de cabeça(1), gripe(1)	Folhas e galhos	(1) ver: Catinga
Fabaceae	<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. exTul.) L.P. Queiroz	Jucá	Dores musculares, nos ossos e baque	Semente	Misgalha a semente e coloca no álcool, passa no local da dor
Geraniaceae	<i>Pelargonium graveolens</i> L'Hérex Aiton	Malvarosa	Dor de cabeça (1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9), Enxaqueca (2), Eresipéula (7) Tonteira (7)	Folha	(1) ver: Pluma; (2) Soca a folha seca de Uriza, Arruda, Malvariosa, Vinagrera, coloca na cachaça e deixa por 3 dias no sereno, depois pode colocar na cabeça; (3) ver: Japana; (4) Coloca cachaça arcanfora em um vidro soca a folha de Uriza, Arruda, Malvarosa e Verga Morta e mistura com a cachaça e a arcanfora e coloca no meio da cabeça e na testa; (5) ver: cravo; (6) Soca a folha de Arruda, Malvarosa, Chama, Caatinga e coloca cachaça, água de colônia e vinagre aromático, coloca na cabeça; (7) ver Japana; (8) Soca a folha de caatinga, Arruda, Uriza, Chama e Malvarosa, coloca em infusão no vidro com Água de colônia, álcool, feitiço amazônico, coloca na cabeça; (9) Bate as folhas de Malvarosa Arruda, Caatinga, Uriza, coloca no álcool ou cachaça em uma garrafa, coloca na cabeça.

Lamiaceae	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ExSpreng.	Catinga	Dor de cabeça (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10), Tonteira (2, 8), Gripe (7), Erisipéula (8)	Folha	(1) ver: Cedro; (2), Soca as folhas de Catinga, Pucá, Arruda, Feijão canuaru, Cravo, Uriza, mistura com água de coco e deixa 2 dias no sereno, depois mistura com água ardente alemã , água de colônia , cachaça e encharca; (3) ver: Pluma; (4) ver: Japana; (5) Coloca as folhas da Catinga do Hortelã, da Arruda e a semente do Pião Branco, mistura com cachaça e melhoral, coloca na cabeça; (6) Para a criança coloca água para ferver com a folha do Limão, folha da Catinga e do Hortelã, coloca melhoral, coloca na cabeça; (7) ver: Cravo; (8) ver Japana; (9) ver Malvarosa; (10) ver Malvarosa
	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Favaca	Dor de cabeça (1)	Folha	(1) ver: Cedro
	<i>Pogostemon heyneanus</i> Benth.	Uriza	Dor de cabeça (1, 2, 3, 4, 5), enxaqueca (1), Tonteira (3), Eresipéula(3)	Folha	(1, 2, 4, 5) ver: Malvarosa; (3) ver: Japana
	<i>Mentha</i> sp.	Hortelã	Dor de cabeça (1), febre (2), gripe (1,2)	Folhas e galhos	(1,2) ver: Catinga
Malvaceae	<i>Hibiscus</i> sp.	Vinagreira	Dor de cabeça (1), enxaqueca(1)	Folha	(1) ver: Malvarosa
Piperaceae	<i>Piper arboreum</i> Aubl.	Pau de angola	Dor de cabeça (1)	Folha	(1) ver: Malvarosa

Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim marinho	Dor de cabeça(1)	Folha	(1) ver: Japana
Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Dor de cabeça(1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10), tonteira (2, 10), enxaqueca (4), gripe (7,8), erisipéula(10)	Folhas e galhos	(1) ver: Cedro; (2,7) ver: Catinga; (3, 4, 6, 8, 9, 11, 12) ver: Malvarosa; (5,10) ver: Japana branca
	<i>Citrus</i> sp.	Limão	Febre (1), gripe (1)	folhas	(1) ver: Catinga
Vitaceae	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E. Jarvis	Pucá	Dor de cabeça (1), tonteira(1)	Folhas e galhos	(1) ver: Catinga
	Não identificada	Chama	Dor de cabeça (1, 2, 3, 4)	folhas e galhos	(1) ver: Japana; (2,3,4) ver: Malvarosa
	Não identificada	Verga morta	Dor de cabeça (1,2), Tonteira (2) e Erisipéula (2)	Folhas e galhos	(1) ver: Malvarosa; (2) ver: Japana branca
	Não identificada	Feijão canuaru	Dor de cabeça (1), tonteira(1)	Folhas e galhos	(1) ver: Catinga

5.7. OUTRAS UTILIZAÇÕES

Essas espécies de plantas medicinais utilizadas pelas colaboradoras na preparação do “choque” têm ainda outras finalidades terapêuticas (Figura 11). Elas são utilizadas, na maioria, para o preparo de chás, xarope, fomentação e banho.

Matos apud Borba e Macedo (2006) afirma que, ao longo da existência da humanidade, o homem vem usando as plantas e seu potencial medicinal, administrado em forma de pó, chá, banho e outros, proporcionando, assim, a sua saúde do indivíduo.

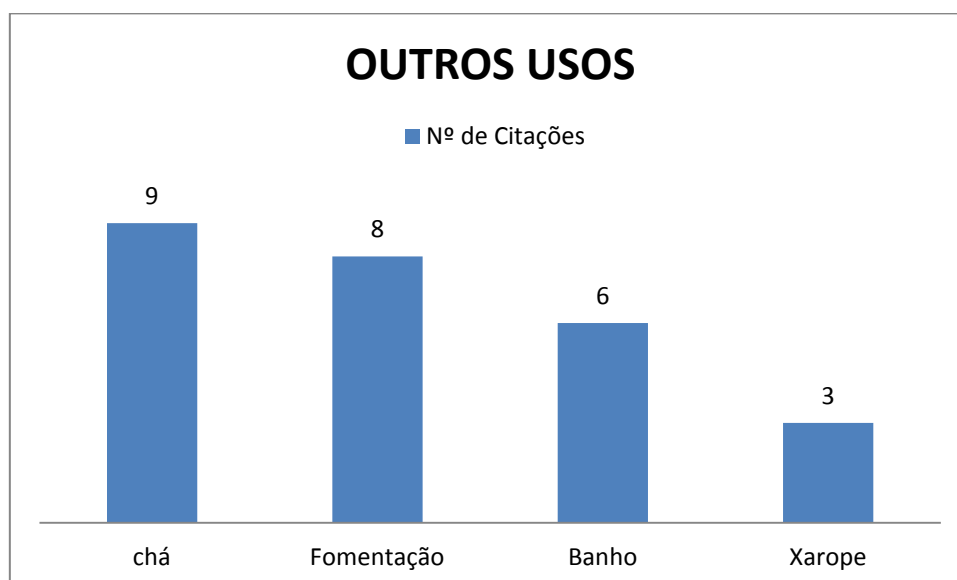


Figura 11. Outras utilizações terapêuticas dos vegetais no PAE São João Batista.

5.8. USO E ARMAZENAMENTO

Todas essas preparações descritas pelas colaboradoras, objeto de estudo desde trabalho, são exclusivamente de uso externo, ou seja, nenhuma destas são ingeridas.

De acordo com as colaboradoras, o modo de utilização do “choque” geralmente é colocar o preparo diretamente na cabeça, “banha, encharcar a cabeça”. Em apenas um caso, para o tratamento de esipra (erisipéula), foi relatado que o uso desse preparo deve ser feito diretamente no local da inflamação.

Ainda segundo as entrevistadas, o “choque” é o produto natural. Por isso, não apresenta contraindicações para seu uso. Porém, uma colaboradora afirma que, dependendo dos ingredientes utilizados na preparação, o uso deste produto torna-se perigoso para crianças. Assim, é necessário um preparo específico para utilização do “choque” nessa faixa etária.

Quanto a forma de armazenamento descrito pelas entrevistadas, todas afirmaram que o preparo é armazenado em garrafas ou pequenos fracos e não tem período de validade: “quanto mais velho melhor”, podendo ser utilizada durante um longo período de tempo. Isso se deve, segundo as colaboradoras, à utilização e efeito da cachaça e/ou álcool.

6. CONCLUSÃO

A presente pesquisa registra o saber das mulheres do PAE São João Batista acerca do uso medicinal de plantas, estas utilizadas para fins terapêuticos na produção e utilização do “choque”, evidencia através das literaturas o amplo conhecimento a respeito da utilização, destinação e manipulação desses vegetais para seu uso medicinal através do “choque”. Neste trabalho, fica claro a importância do “choque” no tratamento de doenças no PAE São João Batista.

O número expressivo de espécies apresentadas neste trabalho, no preparo do “choque”, demonstra a importância desta preparação tão própria da localidade. Mesmo sendo apenas um modo de preparo, foi registrado formas diversas de fazê-lo, aplicá-lo e indicações para diferentes enfermidades em vários sistemas humanos, dentro do PAE.

Por fim, a documentação do conhecimento das mulheres do PAE São João Batista é importante como registro para a comunidade científica e também para a localidade, visto que este é um saber repassado apenas oralmente.

Espera-se que toda a documentação desses saberes seja fomento para novos estudos científicos, seja a respeito de alguma planta listada neste trabalho, ou a documentação de outras preparações próprias desta ou de outras localidades.

7. REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução à etnobotânica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Interciência. 2005.
- ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; ALENCAR, A.L. **Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos**. IN: ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L.V.F.C. (Orgs.). Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica, 1ª ed. Recife, NUPEEA. 2010. p. 41-72
- ALEXIADES, M.N. Select guidelines for Ethnobotanical research: A Field Manual. New York: **The New York Botanical Garden**: 53-54, 1996.
- ALMEIDA, S.P. et al. **Cerrado, espécies vegetais úteis**. Planaltina, DF: EMBRAPA/CPAC, 1998. 464p.
- BERNARD, H. R. **Research methods in anthropology**: qualitative and quantitative approaches 4th ed. Lanham: Alta Mira Press, 213-450p. 2006.
- BORBA, A. M. e MACEDO. M. **Plantas medicinais usadas para a saúde bucal pela comunidade do bairro Santa Cruz, Chapada dos Guimarães, MT, Brasil**. Acta bot. bras.20(4): 771-782.2006. 12p.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. **Política nacional de plantas medicinais**. Departamento de Assistência Farmacêutica. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 60 p
- CAVALCANTE, S.C; PEREIRA, M.G.S.**Plantas medicinais utilizadas pelos moradores da Comunidade Campompema, Abaetetuba, Pará, Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Pará, Abaetetuba, 2014.
- COELHO-FERREIRA, M. R. **Identificação e Valorização das Plantas Mediciniais de uma Comunidade Pesqueira do Litoral Paraense**. Belém-PA, Universidade Federal do Pará, 2000. 269 p. Dissertação de Mestrado – Centro de Ciências Biológicas, UFPA/MPEG.
- DI SATSI, L. C. **Plantas Mediciniais: Arte e Ciência – Um Guia de Estudo Interdisciplinar**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- FERREIRA L. B.; RODRIGUES, M. O.; COSTA, J. M.Etnobotânica das Plantas Mediciniais Cultivadas nos Quintais do Bairro de Algodal em Abaetetuba/PA. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, V. 10, n.3, p.220-372, 2016
- FLORA DO BRASIL 2020 EM CONSTRUÇÃO. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>.

FRAXE, T. J. P.; PEREIRA; H. S., WITKOSKI, A. C. **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. Manaus: EDUA, 2007.224p

GARLET, T. M. B.; IRGANG, B. E. Plantas medicinais utilizadas na medicina popular por mulheres trabalhadoras rurais de Cruz Alta, Rio Grande do Sul; Brasil. **REV. BRAS. PL. MED.** Botocatu. v. 4, n. 1, p. 9- 18, 2001.

INCRA. Assentamentos. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/assentamento>. Acesso em 22/09/2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Município de Abaetetuba, 2012. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em 05 setembro de 2018.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2 ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008.

MARTINS, A. G., ROSÁRIO, D. L., BARROS, M. N., JARDIM, M. A. G. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da Ilha do Combu, Município de Belém, Estado do Pará, Brasil. **Rev. Bras. Farm.**, v.86, n.1, p. 21-30, 2005.

MARTINS. Rosany Lopes. **Estudo químico e avaliação das atividades antioxidante, microbiológica, de citotoxicidade e inseticida do óleo essencial de *aeollanthus suaveolens* mart. ex spreng (lamiaceae)**. Universidade Federal do Amapá, Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas, Macapá, 2016. 72p.

MEDEIROS, P. M.; ABREU, D. B. O.; ALBUQUERQUE, U. P. Conhecimento e uso de plantas em contextos de migração IN: ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução à etnobiologia**. (Org.). NUPEEA. p.157-162. 2014.

MENDES, Z.F.; LIMA, E.R.; FRANCO, E.S.; OLIVEIRA, R. A.; ALEIXO, G.A.S.; MONTEIRO, V. L.; MOTA, R.A.; COELHO, M.C. O. C. **Avaliação da atividade antimicrobiana da tintura e pomada de *Ruta graveolens* (Arruda) sobre bactérias isoladas de feridas cutâneas em cães**. **Medicina Veterinária**, Recife, v.2, n.3, p.32-36, jul-set, 2008.

MING, L. C. Coleta de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. (Org.). **Plantas Mediciniais: Arte e Ciência – Um Guia de Estudo Interdisciplinar**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

MOURA, P. H. B. **Estudo etnobotânico e caracterização dos constituintes minerais de chás medicinais utilizados pela comunidade Rio Urubueua de Fátima, Abaetetuba-PA, Brasil**. Dissertação Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais, UEPA, Belém, 2013. 89p.

OLIVEIRA, A. S. C.; et al. **Estudo Morfológico da Catinga de Mulata (*Aeollanthus suaveolens*- Mart. ex. K. Spreng).**In: 54º Congresso Nacional de Botânica, Belém, jul./ 2003.

PEREIRA, M.G.S.; FERREIRA, M. R. C. Etnobotânica médica da comunidade quilombola de Tauerá-açú, Abaetetuba, Pará. **Biota Amazônia**. Macapá, v.7, n.3, p.57-68, 2017.

PINTO, E.P.P; AMOROZO, M.C.M; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais demata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. **Acta botânica brasílica**. n.20, v. 4, p 751-762, 2006.

PISTORE, M.; BRUSTOLIN, M.; ROSSET, A.; ZANELLA, C. A. CANSIAN, R. L.; ROMAN, S. S.Avaliação do Uso Tópico do Óleo Essencial de *Ruta Graveolens* L.(Arruda) na Cicatrização de Feridas em Ratos. **Perspectiva, Erechim**. v. 38, n.141, p. 57-68, 2014.

RABELO, Paulo Gonçalves. **Produção de Gerânio (*Pelargonium graveolens*) e óleo essencial em sistemas de cultivos e adubações com plantas oriundas de cultivos *In Vitro***. Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós – Graduação em Agronomia, Uberlândia, 2014. 38p.

REZENDE, H. A.; COCCO, M. I. M. A utilização de fitoterapia no cotidiano de uma população rural. **Ver. Esc. Enferm. USP**, v. 36, n.3, p 282-288.2002.

SALGADO, M. S. **Modo de vida ribeirinho e conhecimento tradicional: uma análise das ações do PAE Nossa Senhora do Livramento na ilha Tabatinga para fins de desenvolvimento local Abaetetuba- PA**. Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Exatas e Naturais, Programa de Pós-Graduação em Ciências e Meio Ambiente, Belém, 2014. 118p.

SANTOS V. F.; ALVES, B. H. P. **ANÁLISE DA ATIVIDADE ANTIOXIDANTE DE DIFERENTES EXTRATOS FOLIARES DE *Ruta graveolens***. 6º Seminário de Iniciação Científica. Goiania, 2012.

SECRETARIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E FINAÇAS – SEPOF. Estatística municipal - Abaetetuba. 47p. Disponível em: http://www.sepof.pa.gov.br/estatistica/ESTATISTICAS_MUNICIPAIS/Mesorr_Nordeste/Cameta/Abaetetuba.pdf. Acesso em setembro de 2018.

SILVEIRA, P. F.; BANDEIRA, M. A. M.; ARRAIS, P. S. D. Farmacovigilância e reações adversas às plantas medicinais e fitoterápicos: uma realidade. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. v. 18. n. 4., p. 618-626, 2008.

SOARES, D. O “Sonho de Rose”: políticas de saúde pública em assentamentos rurais. **Saúde e Sociedade**, v.15, n.3, p.57-73. 2006.

SOLDATI, G. T. A transmissão do conhecimento local ou tradicional e o uso dos recursos naturais. IN: ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução à etnobiologia.** (Org.). NUPEEA. p.163-174. 2014.

TORRES-ALVILEZ, W.; NASCIMENTO, A. L. B.; CAMPOS, L. Z. O.; SILVA, F. S.; ALBUQUERQUE, U. P. Gênero e Idade. IN: ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução à etnobiologia.** (Org.). NUPEEA. p.163-174. 2014.

TROPICOS. Tropicos.org. Missouri Botanical Garden. 2014. Disponível em: www.tropicos.org.

VENDRUSCOLO, G. S; SOARES, E. L. C.; EISINGER, S.M.; ZACHIA, R. A. Estudo etnobotânico do uso dos recursos vegetais em São João do Polêsine-RS, no período de outubro de 1999 a junho de 2001.. **REV. BRAS. PL. MED.**, Botocatu, V. 7, n. 2, p. 44- 72, 2005.

ANEXOS

ANEXO 1



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA/BAIXO TOCANTINS
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título Prévio do Trabalho de Conclusão de Curso: PLANTAS MEDICINAIS USADAS NA PREPARAÇÃO DO “CHOQUE” NO ASSENTAMENTO AGROEXTRATIVISTA SÃO JOÃO BATISTA - RIO CAMPOMPEMA, ABAETETUBA, PARÁ.

Os pesquisadores Roberto Júnior Ribeiro da Silva e Maria das Graças da Silva Pereira solicitam a sua colaboração para preencher um formulário contendo perguntas sobre o uso de plantas medicinais no preparo do “choque”. Com as informações pretendemos Compreender e analisar o conhecimento tradicional das mulheres ribeirinhas do Projeto de Assentamento Agroextrativista São João Batista, (Rio Campompema, Abaetetuba – Pará) acerca do uso de plantas medicinais e na manipulação dessas espécies para a preparação do “choque” como remédio caseiro.

As entrevistas poderão ser gravadas, caso você autorize. A partir dos dados coletados nas entrevistas realizadas e das informações obtidas na pesquisa, pretende-se elaborar um Trabalho de Conclusão de Curso e um artigo. As informações sobre a pesquisa e os resultados serão informados aos participantes e moradores da comunidade São João Batista, a outras pessoas da região que cultivam plantas medicinais para fins terapêuticos, as instituições de ensino e pesquisa e para as autoridades competentes que possam divulgar e aplicar os resultados. A participação na pesquisa é voluntária e se participar não terá nenhuma despesa ou receberá algo em troca. Mesmo após sua

autorização você terá o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, independente do motivo e sem qualquer prejuízo a sua pessoa e as informações fornecidas serão utilizadas apenas na realização desse projeto. As pessoas que participarem da pesquisa estarão ajudando a divulgar sobre os diferentes usos que podem ser atribuídos a plantas medicinais. Caso forneça alguma informação que possa ser utilizada para obter patente de algum produto ou planta, as pesquisadoras jamais a utilizarão. As informações e resultados da pesquisa serão divulgados em revistas científicas nacionais ou internacionais, porém sua identidade será sempre mantida em segredo. Se você quiser saber mais detalhes e os resultados da pesquisa pode fazer contato com a professora pesquisadora Maria das Graças da Silva Pereira, pelo e-mail: pereiramariabio@gmail.com ou pelo telefone (91) 99210-8537.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____ resident
e na Comunidade _____

_ entendi o que a pesquisa vai fazer e aceito participar de livre e espontânea vontade. Por isso dou meu consentimento para inclusão como participante da pesquisa e atesto que me foi entregue uma cópia desse documento.

Assinatura do entrevistado

____/____/_____
Data

Nome de quem realizou a entrevista

ANEXO 2



Ministério do Meio Ambiente
CONSELHO DE GESTÃO DO PATRIMÔNIO GENÉTICO

SISTEMA NACIONAL DE GESTÃO DO PATRIMÔNIO GENÉTICO E DO CONHECIMENTO TRADICIONAL ASSOCIADO

Certidão

Cadastro nº A1CDC6A

Declaramos, nos termos do art. 41 do Decreto nº 8.772/2016, que o cadastro de acesso ao patrimônio genético ou conhecimento tradicional associado, abaixo identificado e resumido, no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado foi submetido ao procedimento administrativo de verificação e não foi objeto de requerimentos admitidos de verificação de indícios de irregularidades ou, caso tenha sido, o requerimento de verificação não foi acatado pelo CGen.

Número do cadastro: **A1CDC6A**
 Usuário: **UFPA**
 CPF/CNPJ: **34.621.748/0001-23**
 Objeto do Acesso: **Conhecimento Tradicional Associado**
 Finalidade do Acesso: **Pesquisa**

Espécie

Serão coletadas plantas medicinais como material testemunho para depósito em herbário.

Fonte do CTA

CTA de origem não identificável

Título da Atividade: **PLANTAS MEDICINAIS USADAS NA PREPARAÇÃO DO "CHOQUE" NO ASSENTAMENTO AGROEXTRATIVISTA SÃO JOÃO BATISTA - RIO CAMPOMPEMA, ABAETETUBA, PARÁ**

Equipe

Maria das Graças da Silva Pereira UFPA
Roberto Júnior Ribeiro da Silva UFPA

Data do Cadastro: **21/08/2018 08:36:22**
 Situação do Cadastro: **Concluído**



Conselho de Gestão do Patrimônio Genético
 Situação cadastral conforme consulta ao SisGen em 20:11 de 06/06/2019.



SISTEMA NACIONAL DE GESTÃO
 DO PATRIMÔNIO GENÉTICO
 E DO CONHECIMENTO TRADICIONAL
 ASSOCIADO - **SISGEN**



ANEXO 3

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS

QUESTIONÁRIO GERAL

INFORMAÇÕES PESSOAIS

- 1- Nome:
- 2- Idade:
- 3- Onde nasceu:
- 4- Há quanto tempo você mora na localidade?
- 5- Religião:
- 6- Escolaridade:
- 7- Quantas pessoas residem em sua casa?
- 8- Qual a doença mais frequente entre as pessoas da sua família?
- 9- Tem posto de saúde na sua localidade?
- 10- Qual sua primeira opção de tratamento de doença? Por quê?
- 11- Quais plantas medicinais que você usa?
- 12- Você cultiva alguma dessas plantas? Quais?



ANEXO 4

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS

QUESTIONÁRIO ESPECÍFICO

- 1- Nome:
- 2- Idade:
- 3- Você já utilizou o choque como tratamento para alguma doença?
Qual doença?
- 4- Quais plantas você utiliza para a preparação do choque?
- 5- Como você prepara esse remédio? Você inclui outros ingredientes além de plantas?
- 6- Quais partes das plantas são utilizadas?
- 7- Com quem você aprendeu a fazer e usar o choque?
- 8- Como é usada essa preparação (Choque)?
- 9- . Como e por quanto tempo você armazena?
- 10-Tem alguma contraindicação?
- 11-Como você consegue as plantas que você utiliza na preparação do choque?
- 12-Existem plantas que você utilizava no "choque" e não utiliza mais? Se sim quais e por quê?
- 13-Você substituiu essa planta por outra na preparação?
- 14-Você usa essas plantas em outro tipo de preparação (chá, banho, fomentação, entre outros)? Ou você usa essas plantas com outra função além de medicinal?
- 15-Você tem alguma dessas plantas em seu quintal que você utiliza no preparo do choque?